

DOSSIÊ

Biografias e trajetórias negras do samba carioca

Quem são nossos sambistas negros?

Uma História –ainda– mal contada...

O presente dossiê foi pensado a partir do seguinte questionamento: Por qual motivo desconhecemos boa parte da história e dos nomes de sambistas negros do Rio de Janeiro? Se conhecemos superficialmente algumas figuras como Paulo da Portela, Cartola, Candeia e tantos outros sambistas negros reconhecidos pela mídia e mercado fonográfico, por que não conhecemos suas histórias de vida de forma ampla e profunda, entendendo-os como personagens ativos na construção da história do Rio de Janeiro e do Brasil?

Partimos do pressuposto que o mundo que vivemos formou-se pautado na ideologia do colonialismo. A atividade de extrair as riquezas das Américas e África e levá-las em direção à Europa propiciou um cenário perfeito para que a sociedade se formasse com base nas estruturas e visões eurocentradas de mundo. Nesse processo, a cruel instituição da

escravidão e sua normalização na sociedade, entre os séculos XV e XIX, foi um dos principais pilares para que o mundo se desenvolvesse tal qual ele é: desigual.

As consequências da escravização sobre pessoas negras foram nefastas para a formação e afirmação de suas identidades individuais pois, além de dissolverem famílias e laços sociais, também apagaram seus nomes e identidades das cenas pública e privada. As linhas borradas entre escravidão e liberdade, o dilema de "tornar-se negro", como nos ensinou a professora Neusa Santos Souza, ou o lugar reservado a negros e negras de "não-pessoa" na sociedade - animalizando suas práticas e extraindo a possibilidade da construção de uma intelectualidade própria - foram alguns dos efeitos cruéis que ecoam até hoje.

Ao olharmos para a construção de uma história oficial, boa parte dos personagens que ganham destaque são herdeiros do colonialismo que dominava a cena política e cultural na virada do século XIX para o século XX. No entanto, é importante ressaltar o protagonismo de atores negros que, durante o período do pós-abolição, encontraram no samba, e suas diversas modalidades afins, um veículo potente de construção social identitária coletiva. As escolas de samba são um exemplo, dentre tantas outros, de associações negras que representavam uma luta coletiva por direitos sociais pelo viés da cultura musical e que, ainda hoje, refletem uma vivacidade de luta política.

Mas, então, por que enfocar a história de vida de sambistas negros do Rio de Janeiro?

Sabemos que a tensão entre indivíduo e sociedade faz parte do próprio desenvolvimento de diferentes disciplinas de ciências humanas. O foco na figura do sujeito no campo da História, por exemplo, ganha fôlego a partir da década de 1980, no Brasil, com uma renovação no modo da escrita da disciplina, especialmente no campo das lutas dos escravizados e dos movimentos de trabalhadores. Não vamos nos alongar nesse debate teórico - os próprios artigos o farão de forma satisfatória - mas nos cabe ressaltar a importância de colocar os sujeitos na centralidade do discurso,

com vistas a inscrevê-los na cena social e dar-lhes a devida importância na construção da história do Brasil.

Nos últimos anos, tem crescido o interesse de diversas áreas de estudo em análises centradas no indivíduo. Com os estudos de trajetórias, biografias, narrativas de vida, autoetnografia, entre outras formas e nomenclaturas, é possível observarmos de que maneira o deslocamento desses sujeitos no espaço urbano - ou campo-cidade - moldaram um espaço privilegiado para se pensar relações de interação, disputas e tensões com o todo social, o coletivo.

Não é meu objetivo, aqui, definir ou validar abordagens de análises centradas na pessoa, mas sim chamar a atenção para a pluralidade de possibilidades que temos em enxergar mundos sociais distintos a partir da história de vida de sambistas negros, ressaltando como o fantasma da escravidão e seus efeitos sociais são presentes até hoje no silenciamento de suas personas na cena carioca. Não é, apenas, olhar só "o samba", mas sim "o sambista" e o que se desenha como uma maneira possível de se dar visibilidade à suas figuras e aos contextos vividos.

O dossiê se dividiu em dois números. Nos textos, paralelo à uma bibliografia clássica sobre samba, carnaval, escolas de samba, cultura popular e Rio de Janeiro, foi importante notar o largo uso de livros e artigos que buscam renovar o modo de se pensar o lugar do negro nos processos culturais. Se tal fricção teórica pode soar dissonante a alguns ouvidos, por outro revela uma demanda contemporânea de se balançar as árvores teóricas das ciências humanas em busca de novos caminhos.

Na primeira edição, o primeiro texto foi escrito por Diego Uchoa de Amorim sobre a figura de Tancredo da Silva Pinto, o "Tata Tancredo", um dos responsáveis pela difusão da Umbanda Omolokô no Brasil. Partindo do período do pós-abolição, o autor destrinchou a trajetória de Tancredo e sua articulação entre os mundos do samba e da macumba, demonstrando sua centralidade no bairro do Estácio De Sá, cidade do Rio de Janeiro, seu protagonismo na criação da tradição da virada de ano na praia de Copacabana com um culto religioso - que disseminou-se em

outros sentidos - e na consolidação das organizações diretivas dos primeiros anos das escolas de samba da cidade.

O segundo artigo foi de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, que abordaram as figuras de Joãozinho da Gomeia, afamado pai de santo do município de Duque de Caxias, baixada fluminense do Rio de Janeiro, e Mercedes Baptista, bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e uma das primeiras coreógrafas em escola de samba, observando a relação entre os dois personagens e de que forma se elaboram, hoje, memórias sobre suas figuras. A circulação por diferentes estratos sociais dos personagens nos revela uma complexa rede de relações das quais faziam parte atores do movimento negro, personagens da grande mídia e uma ideia elaborada sobre as heranças afro-brasileiras colocadas em pauta.

Já Nayara Cristina traçou um breve panorama comparativo entre Clementina de Jesus e Aparecida Martins, duas cantoras negras da segunda metade do século XX que, ao terem como mote de suas carreiras a temática da religiosidade afro-brasileira, construíam uma ideia de nacionalidade voltada para a presença cultural negra no Brasil. Destacando o pioneirismo feminino, a autora realizou uma importante reflexão acerca da necessidade de se dar visibilidade para trajetórias femininas negras do samba na história.

O pesquisador Felipe Trotta abordou a figura de Dona Ivone Lara, importante mulher negra, cantora e compositora da cena musical brasileira que, em 2022, completaria 100 anos de idade. Em uma narrativa saborosa da vida da personagem, Trotta refletiu sobre o protagonismo da artista, a construção de suas identidades que transitam entre a dona de casa, a profissional da área de saúde e a sambista observando como, em sua obra e atuação cotidiana, produziu uma espécie de luta estratégica de afirmação pelo seu espaço de atuação na cidade.

Trazendo alguns episódios públicos da trajetória de vida de Mano Eloy, Alessandra Tavares falou sobre a figura de sambista, jongueiro e macumbeiro que atuou fortemente na vida cultura e religiosa da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Destacando seu papel de

liderança e grande circulação nos diferentes espaços sociais da cidade, a autora analisou como sua atuação nas escolas de samba, por exemplo, prezava pelo sentido de coletividade, construção de cidadania e afirmação do sujeito negro no período do pós-abolição.

Por fim, Zilmar Reis apresentou a figura de Haroldo Costa, importante salgueirense, ator e intelectual do movimento negro brasileiro. O autor abordou como, ao longo de sua trajetória, Costa constrói uma imagem de pioneirismo do GRES Acadêmicos do Salgueiro e do cenógrafo Fernando Pamplona como artífices de um pioneirismo da temática negra no carnaval. Durante o texto, o autor aponta como as ideias de folclore e cultura popular influenciaram, decisivamente, a visão de Haroldo Costa, que acabou por se cristalizar como uma narrativa oficial da historiografia carnavalesca.

O número se encerrou com uma entrevista de Tiãozinho da Mocidade, feita por Karina Smith.

Já nessa segunda edição, o primeiro artigo é o de Gabriela Antunes. Abordando a trajetória de Clementina de Jesus, conecta a ideia de interseccionalidade e mulheres negras sambistas com base no universo das teorias pós-coloniais, destacando seu papel de protagonismo, o papel de mediadores culturais homens, pertencentes a uma classe média e elite cariocas, na consolidação de sua carreira, ao mesmo tempo em que sua agência enquanto sambista se fazia força de pressão contra um sistema patriarcal branco.

O segundo artigo é o de Gustavo Melo e Leonardo Antan, que aborda a figura de Isabel Valença, importante destaque do carnaval carioca que corporifica alguns dos elementos das transformações visuais das escolas de samba na década de 1960. Os autores apontam para o protagonismo de uma mulher negra nessa posição, relatando seus principais desfiles, incluindo sua atuação como Xica da Silva, no GRES Acadêmicos do Salgueiro, no ano de 1963.

Já o próximo texto é de autoria de Ulisses Duarte e Fabiana Cunha, sobre o sambista Henrique da Silva, fundador da Paraíso Shool of Samba,

escola de samba localizada em Londres, Inglaterra, e neto de Tia Alice da Mangueira, importante liderança feminina do samba carioca. Os autores abordam, a partir de sua figura, a capilaridade do samba brasileiro na cena internacional, ao mesmo tempo em que destacam o protagonismo da figura de Henrique em um processo de intenso hibridismo cultural entre pessoas, grupos e territórios.

O cantor e compositor Martinho da Vila é o cerne da análise da advogada Kamila Maria. Partindo da atuação do artista, enfocando, principalmente, o enredo de sua autoria “Kizomba: A Festa da Raça”, promovido pela escola de samba Unidos de Vila Isabel, no carnaval de 1988, a advogada demonstra a intensa atuação política do intelectual como mole propulsora de mudanças estruturais das questões raciais no Brasil.

Encerrando o dossiê, Bruno Pereira aborda a figura de Henrique Felipe da Costa, o “Henricão”, sambista paulista que viveu entre os anos de 1908 e 1984, com larga atuação nas rádios e palcos da cidade do Rio de Janeiro. Sendo um dos fundadores da escola de samba Vai-Vai e parceiro de cena da cantora Carmen Costa, o texto nos desvela sobre a vida do artista, ressaltando seus trânsitos e experiências de sua trajetória no espaço urbano.

Tratamos, aqui, de uma história inacabada: sambistas descendentes da escravidão negra que, como um sistema, alimentou e impulsionou o capitalismo e os sistemas de dominação política contemporâneos. Nossos personagens, ora pela cor da pele, ora pela condição social, são frutos dessa estrutura global. O intenso fluxo dos sambistas por diversos espaços - dentro e fora da cidade - nos apresenta um tecido social urbano altamente diverso e complexo, costurado por dores, luta, batuques e estratégias de sobrevivência.

Ao observarmos como esses sujeitos negros interagiram e mediaram com as diversas dimensões sociais e estruturas de poder, desafiando as versões que os colocam como sujeitos passivos às decisões e instituições oficiais da cidade, conseguimos perceber os sambistas em luta pela completa cidadania e com plena consciência de seus papéis na

construção de uma outra história do Rio de Janeiro e do Brasil – uma história que não estava prevista nas mentes das elites intelectuais brancas do país.

Boa Leitura!

Vinícius Natal

Historiador e Antropólogo - LABHOI/UFF